

ENTRE PALHOÇAS E PROCISSÕES: A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM ASSÚ/RN E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA CULTURA POPULAR

Maria Clara dos Santos Gonzaga 1

*Graduanda em Licenciatura Geografia pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte,
(84) 99828-5116*

*Claragonzaga@alu.uern.br
Mirrayla Campos Feitosa Lacerda 2*

*Professora na rede Estadual de Ensino em Assú Rio Grande do Norte
Mirrayla.2131960@educar.rn.gov.br*

RESUMO

A festa de São João Batista, realizada anualmente em Assú, Rio Grande do Norte, é uma das manifestações culturais mais antigas e significativas do estado, com quase três séculos de tradição. Essa celebração ultrapassa a dimensão religiosa, configurando-se como um fenômeno sociocultural que articula elementos do sagrado e do profano, promovendo a ressignificação do espaço urbano. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em observação participante, cartografia social e entrevistas, esta pesquisa investiga como a festa contribui para a construção de territorialidades simbólicas e para a afirmação da identidade coletiva da população. Fundamentada em autores da Geografia Cultural, como Tuan, Santos, Rosendahl e Haesbaert, discute-se o papel da cultura popular como agente de resistência e transformação do lugar. Os resultados indicam que o evento é um mecanismo efetivo de preservação cultural e de criação de sentidos que reforçam o pertencimento e a memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: territorialidade simbólica; cultura popular; festa; espaço urbano; identidade.

GT3: Espaço, Cultura e Turismo

1 INTRODUÇÃO

A festa de São João Batista, realizada anualmente no município de Assú, Rio Grande do Norte, destaca-se como uma das manifestações culturais mais antigas e emblemáticas da região Nordeste do Brasil, com uma história que remonta ao século XVIII. Essa celebração, inicialmente ligada às tradições religiosas católicas trazidas pelos colonizadores portugueses, transcendeu o simples rito devocional para se tornar um fenômeno sociocultural complexo, que articula aspectos históricos, simbólicos, econômicos e identitários da comunidade local.

O ciclo junino, especialmente a festa dedicada a São João Batista, é uma das expressões culturais mais relevantes do Nordeste brasileiro, reunindo elementos do sagrado e do profano, que se manifestam tanto nas práticas religiosas – como novenas, missas e procissões – quanto nas manifestações folclóricas e populares, como quadrilhas, apresentações de palhoços, comidas típicas e fogueiras. Em Assú, essa festividade possui particular importância por sua

longevidade e pela forma como se incorpora ao cotidiano da população, envolvendo diversos segmentos sociais e promovendo a integração entre moradores, visitantes e turistas.

Além do aspecto religioso, a festa funciona como um espaço de afirmação da identidade cultural e de resistência simbólica frente às transformações socioeconômicas e urbanísticas que afetam o município e a região. Ela fortalece vínculos comunitários e cria um ambiente no qual o espaço urbano é resignificado, transformando ruas, praças e a Igreja Matriz em territórios simbólicos de memória e pertencimento.

Nesse contexto, a presente pesquisa propõe-se a analisar como a festa de São João Batista em Assú atua na reconfiguração do espaço urbano, contribuindo para a construção de territorialidades simbólicas que expressam a cultura popular e reafirmam a identidade local. Utilizando uma abordagem qualitativa e interpretativa, esta investigação dialoga com os conceitos da Geografia Cultural, territorialidade simbólica e espaço vivido, buscando compreender o papel das práticas culturais na transformação do lugar e na preservação das tradições frente aos processos contemporâneos de globalização e homogeneização cultural.

Conforme destacado por Rosendahl (2000), as festas populares não apenas reconfiguram fisicamente a cidade, mas também religam os moradores à experiência coletiva do sagrado, do simbólico e da tradição, constituindo-se em momentos privilegiados para a reafirmação dos sentidos de pertencimento. Por meio deste estudo, pretende-se contribuir para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais que permeiam as festas populares no Brasil e sua importância para a construção dos lugares como espaços vivos e sentidos.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e interpretativa, desenvolvida a partir de uma revisão de literatura. O enfoque se justifica pelo objetivo de compreender, por meio de estudos e registros documentais já existentes, os diversos significados simbólicos e sociais atribuídos ao espaço urbano durante a realização de festas de padroeiro, com destaque para a festa de São João Batista em Assú/RN. Além disso, buscou-se identificar as práticas culturais que promovem a resignificação desses espaços durante as celebrações.

O levantamento bibliográfico contemplou diferentes tipos de fontes, incluindo artigos científicos, livros, capítulos de obras, dissertações, teses, reportagens, documentos institucionais, crônicas e registros iconográficos disponíveis em acervos públicos e digitais. A

seleção desses materiais considerou a relevância para a temática proposta, priorizando obras atuais e pertinentes ao recorte espacial e temporal do estudo.

Além das fontes textuais, foram consultados registros fotográficos presentes em acervos digitais, complementados por registros realizados durante o período de festejos do ano de 2025. O objetivo foi identificar representações visuais da festa e compreender seu impacto na configuração urbana. A análise do conteúdo seguiu o método proposto por Bardin (2016), que permite identificar, categorizar e interpretar temas recorrentes. Entre eles, destacaram-se: religiosidade, práticas culturais, uso e apropriação do espaço urbano e territorialidade simbólica. Essa abordagem possibilitou estabelecer conexões entre os elementos identificados na literatura e o referencial teórico, oferecendo uma compreensão articulada das dimensões sociais e culturais entrelaçadas aos festejos.

Os resultados foram sistematizados de modo a evidenciar as múltiplas perspectivas encontradas, preservando a diversidade de interpretações e valorizando a pluralidade de olhares sobre a festa de São João Batista e seu papel na produção e transformação do espaço urbano do município de Assú.

3 A GEOGRAFIA CULTURAL E O LUGAR COMO ESPAÇO VIVIDO

A geografia cultural compreende o espaço não apenas como um cenário físico, mas como um conjunto de significados construídos e vivenciados socialmente. Desde a segunda metade do século XX, essa abordagem tem enfatizado a importância do lugar como uma construção simbólica e afetiva que vai além da simples localização espacial.

Tuan (1977), por meio do conceito de toponímia, destaca a relação emocional e experiencial que os indivíduos estabelecem com determinados lugares, os quais passam a ser carregados de significado. Relph (1976) ressalta a ideia de “ausência de lugar” frente à modernização e homogeneização dos espaços, que pode levar à perda da identidade local. Para ele, a autenticidade do lugar reside no vínculo profundo entre o ambiente e os seus moradores, algo que as festas populares podem ajudar a preservar.

Dentro dessa perspectiva, alguns lugares adquirem importância que ultrapassa sua função material, tornando-se referências identitárias e afetivas para determinados grupos. Segundo Bonnemaïson (2002, p. 34), "um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário,

uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade".

No caso da Festa de São João Batista em Assú, a Praça São João e a Igreja Matriz configuram-se como verdadeiros geossímbolos, pois concentram as manifestações religiosas, culturais e sociais que reforçam a identidade coletiva e a memória da comunidade. Esses espaços não apenas abrigam as atividades da festa, mas também simbolizam o pertencimento e a continuidade de uma tradição quase tricentenária.

Santos (1996) apresenta uma abordagem dialética do espaço, articulando elementos materiais e simbólicos, e enfatiza as lutas sociais e as práticas de apropriação do território que constituem o lugar. Harvey (2000), por sua vez, entende o espaço como produto das relações sociais, econômicas e políticas, e os lugares como arenas dessas disputas.

Massey (2005) e Cresswell (2004) oferecem uma perspectiva relacional, tratando o lugar como um processo dinâmico, atravessado por fluxos globais e negociações locais. Haesbaert (2004) amplia esse quadro com o conceito de multiterritorialidade, enfatizando que os sujeitos podem estar simultaneamente vinculados a múltiplos lugares, resultado de processos migratórios e culturais. Por fim, Claval (2007) destaca o papel da cultura na formação e manutenção dos lugares, sendo as festas populares expressões vivas dessa construção social do espaço vivido.

4 A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM ASSÚ: TRADIÇÃO, RELIGIOSIDADE E TERRITORIALIDADE SIMBÓLICA

Com quase 300 anos de tradição, a festa de São João Batista em Assú é uma manifestação cultural que articula o sagrado e o profano, combinando rituais religiosos com expressões folclóricas e culturais. A Igreja Matriz, situada na Praça São João, é o epicentro simbólico da festividade, onde ocorrem novenas, missas e batismos que estruturam o calendário religioso. Na **Figura 01**, é possível observar a Praça São João ornamentada para o período festivo, evidenciando como o espaço urbano é adaptado e ressignificado para acolher tanto as manifestações de fé quanto os encontros culturais e comunitários.

FIGURA 01: Praça São João



Fonte: Princesa, 2025.

A procissão de encerramento, considerada um momento crucial, percorre diversas ruas, transformando o espaço urbano em território de fé e pertencimento. A presença massiva da comunidade e visitantes imprime uma dimensão coletiva que reforça a identidade local e a memória compartilhada. Na **Figura 02**, observa-se o percurso da procissão nas ruas próximas à Praça São João, ilustrando a força simbólica do evento e a intensa participação popular que marca o encerramento das festividades.

Figura 02: Procissão de São João Batista



Fonte; Paróquia de Assú, 2025.

Além da dimensão religiosa, a festa movimenta a economia local e promove a cultura popular por meio de shows, quadrilhas, barracas de comida e artesanato, além da presença das palhoças e brincantes que animam as ruas. Essa diversidade reforça o caráter multifacetado da festa, que atua como mecanismo de resistência cultural frente aos processos de homogeneização e mercantilização dos espaços urbanos.

Nesse sentido, a festa configura-se como exemplo concreto de territorialidade simbólica, conceito que, segundo Bonnemaïson (2002), diz respeito ao modo como os grupos humanos constroem e resignificam o espaço a partir de suas vivências, rituais e práticas culturais que reforçam a identidade e a coesão social.

A apropriação das ruas, praças e espaços públicos durante o evento revela um processo de territorialização no qual a dimensão simbólica é tão relevante quanto a física, pois, como aponta Haesbaert (2004), o território envolve simultaneamente dimensões materiais e imateriais.

Embora fortemente enraizada na memória e nas práticas locais, a festa de São João Batista em Assú, também se insere em um contexto contemporâneo marcado por processos que primam

pelo aumento na atividade turística e da gentrificação cultural. É importante, destacar que o termo “gentrificação” foi cunhado em 1964, pela socióloga britânica Ruth Glass, embora o termo tenha sido primeiramente aplicado em questões imobiliárias, a abrangência dele evoluiu e passou a englobar as transformações culturais.

Assim, a gentrificação cultural pode ser entendida como a valorização simbólica de uma área que pode envolver o uso da cultura como um elemento de atração para novos investimentos, moradores ou o desenvolvimento e ampliação de atividade turísticas, ou até mesmo no tocante à imposição de uma cultura diferente daquela existente em uma comunidade.

Ainda, o aumento do interesse de visitantes e a promoção de eventos como atrativo turístico regional podem gerar transformações nas formas de apropriação do espaço urbano, deslocando usos tradicionais e adaptando práticas para atender expectativas externas (JUDD; FAINSTEIN, 1999). Nesse cenário, há o risco de que a dinâmica comunitária seja parcialmente substituída por uma lógica voltada ao espetáculo e ao consumo, alterando a autenticidade das manifestações.

Ao mesmo tempo, conforme destaca Zukin (2010), a mercantilização da cultura pode produzir processos de “gentrificação simbólica”, nos quais elementos culturais são valorizados e comercializados, mas muitas vezes desvinculados de seus contextos originais. No caso de Assú, embora a festa mantenha um forte caráter comunitário, a intensificação de investimentos privados e a reorganização de espaços para melhor receber o público externo podem afetar a distribuição dos benefícios econômicos e o acesso democrático aos espaços centrais do evento. Na **Figura 03**, é possível observar a Praça São João durante o período festivo, com sua estrutura adaptada para receber apresentações culturais, barraquinhas e o fluxo intenso de visitantes, o que evidencia as transformações físicas e simbólicas do espaço.

Figura 03, Praça de São João.



Fonte; Acervo do autor, 2025.

Portanto, compreender a festa como território simbólico implica também reconhecer essas tensões entre preservação e transformação, autenticidade e adaptação, comunidade e mercado. É nesse equilíbrio instável que se define o futuro da festividade, que precisa dialogar com as demandas do presente sem perder a profundidade histórica e identitária que a sustenta.

5 CONCLUSÕES

A festa de São João Batista em Assú/RN revela-se como uma manifestação cultural de grande relevância para a compreensão das dinâmicas de produção e apropriação do espaço urbano por meio da cultura popular. Através da conjugação de elementos religiosos, folclóricos e sociais, a festividade vai além da simples comemoração anual, configurando-se como um processo contínuo de ressignificação do território e de fortalecimento da identidade coletiva da população.

A análise realizada evidenciou que a festa atua como um mecanismo potente de territorialidade simbólica, onde o espaço físico da cidade é transformado em um lugar vivido, carregado de afetos, memórias e sentidos compartilhados. Essa transformação é possibilitada pela ação coletiva dos diversos atores sociais que, ao ocupar e performar os espaços públicos durante o ciclo junino, reafirmam sua pertença e mantêm viva uma tradição histórica.

Além disso, a festividade funciona como uma estratégia de resistência cultural diante dos processos de homogeneização e mercantilização do espaço urbano, preservando e valorizando as especificidades locais frente às pressões da globalização. A presença dos palhoços, das procissões, das quadrilhas, das barracas de comida típica e das manifestações religiosas é expressão dessa resiliência cultural, capaz de integrar passado e presente, sagrado e profano, tradição e inovação.

A festa também possui um importante papel econômico e social, movimentando a economia local, fomentando o turismo e promovendo a convivência e a integração social entre moradores e visitantes. Esse aspecto reforça a complexidade do fenômeno, que articula múltiplas dimensões da vida comunitária.

Por fim, este estudo contribui para o entendimento das relações entre cultura popular e espaço urbano, mostrando como as práticas festivas são capazes de transformar o espaço em lugar, produzindo territorialidades simbólicas que sustentam as identidades locais. O reconhecimento dessas dinâmicas é fundamental para a valorização das manifestações culturais como elementos essenciais para a construção de cidades mais inclusivas, plurais e culturalmente ricas.

REFERÊNCIAS

- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CRESSWELL, T. *Place: a short introduction*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, D. *Spaces of hope*. Berkeley: University of California Press, 2000.
-

JUDD, D. R.; FAINSTEIN, S. S. *The tourist city*. New Haven: Yale University Press, 1999.

MASSEY, D. *For space*. London: SAGE Publications, 2005.

PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA. Acervo fotográfico da festa de São João Batista [fotografias]. Assú, 2025. Acervo da Paróquia de São João Batista – Assú.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.

ROSENDAHL, Z. *O sagrado e o urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

TUAN, Y. F. *Space and place: the perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

ZUKIN, S. *Naked city: the death and life of authentic urban places*. New York: Oxford University Press, 2010.

_____. Registros fotográficos da festa de São João Batista em Assú [fotografias]. 2025. Acervo do autor.
